

prio. Seria um “gene egocêntrico” auto-referencial em relação à sua própria sobrevivência.

WEBER: — Poder-se-ia também dizer que se trata de um sistema auto-realimentador. Vida! Mas que sentido haveria em se afirmar que o elétron age como alguma coisa viva? Suspeito que estejamos sustentando ter ele um mínimo de vida.

BOHM: — Por que não? Dizer que não o tem, significaria algo? O elétron pode se comportar de muitas maneiras estranhas, como sendo uma onda e uma partícula ao mesmo tempo, saltando de um estado a outro sem sair de nenhum e fazendo todos os tipos de coisas que não podem ser compreendidas, apenas calculadas. Se não se quer dizer que ele tem vida, sugiro considerá-lo um mistério absoluto. Então, o que restaria a fazer seria computar estatisticamente como ele se revelará fenomenicamente em certos tipos de mensuração.

WEBER: — Alguém poderia contra-argumentar: para fugir à frustração epistemológica de não saber se é uma onda ou uma partícula, imputamos ao elétron um modelo humano, porque isso simplifica nossa compreensão.

BOHM: — Mas é precisamente isso que os mecanicistas fizeram!

WEBER: — Como assim?

BOHM: — Recorrendo à idéia de forças e sistema mecânico, que não passa de um modelo humano de deslocamento das coisas. O mecanicismo começa com as pessoas deslocando objetos.

WEBER: — Exteriormente. Mas o senhor afirma que o elétron se desloca interiormente, por alguma razão.

BOHM: — Bem, e por que não? Os seres humanos costumam pensar que tudo se move, e, a partir disso, elaboramos um paradigma que nega o fato.

WEBER: — O mecanicismo do século XVII, o universo como uma máquina!

SHELDRAKE: — O que poderia ser mais antropomórfico que o modelo humano segundo o qual todas as coisas são máquinas? Máquinas são criações absoluta e especificamente humanas, baseadas numa espécie particular de atividade humana.

BOHM: — Na verdade, o mecanicismo consiste em projetar na matéria o tipo de coisas que fazemos com nosso corpo.

WEBER: — Talvez acreditemos nisso e o achemos mais respeitável porque, ao admitir que criamos e programamos

máquinas, podemos fugir delas. Assim, é como se a própria natureza agisse de modo neutro através da máquina e nos esquecêssemos de que somos seus autores.

SHELDRAKE: — No modelo tradicional, da mesma forma que somos os autores da máquina, o universo é a máquina criada por Deus.

WEBER: — Em Descartes e Newton.

SHELDRAKE: — O tradicional modelo mecanicista era uma ampla e consistente aplicação da analogia da máquina. Uma máquina não tem significação exceto para o seu projetista e para o seu construtor.

WEBER: — Então o modelo mecanicista é extremamente antropomórfico!

BOHM: — Sem dúvida!

WEBER: — Isso nunca foi divulgado.

SHELDRAKE: — Está claro que é assim. De fato, um dos principais argumentos da teologia natural do início do século XIX era o do projeto, segundo o qual o mundo natural dos animais e plantas mostra extraordinária adaptação às circunstâncias e ao meio ambiente. Se os considerarmos máquinas — e os teólogos não se opunham a isso —, pressuporemos um projetista. Foi esse o argumento que Darwin tentou superar declarando que não temos necessidade de um projetista, tudo pode muito bem acontecer por acaso, graças à seleção natural. A teoria darwiniana procura explicar o problema do projeto — problema capital de Darwin — em termos de casualidade e leis físicas. Em suma, a analogia com a máquina é inteiramente antropomórfica.

WEBER: — Fascinante!

BOHM: — Como quer que seja, por que não seria antropomórfica? Se considerarmos o homem uma manifestação do cosmos, o homem pode muito bem encontrar modelos do cosmos em si mesmo.

WEBER: — Novamente a afirmação hermética.

SHELDRAKE: — Se o elétron e o átomo não têm vida, como o organismo vivo é constituído de átomos e elétrons? Isso conduz diretamente ao vitalismo. A negação de vida, ou de algo que remotamente lembre a vida nos sistemas não-vivos, evoca a questão de como temos vida nos sistemas vivos.

WEBER: — Aí parece estar o mistério. Pelo que dissemos, portanto, vocês optam por modelos antropomórficos, não